Contos de fadas

Por **WALNICE NOGUEIRA GALVÃO***

Considerações sobre filmes baseados em contos de fadas

Contos de fadas podem gerar filmes fora do padrão Disney, como demonstrou Jacques Démy. O cineasta da Nouvelle Vague granjeou fama de original, porque não seguia as receitas. Conheceu enorme sucesso com *Os guarda chuvas do amor,* uma ópera moderna, toda cantada num fio de voz pela juvenilíssima Catherine Deneuve, que mal estreava seus 17 anos. Ganhou a Palma de Ouro em Cannes e tornou-se cult. Depois viria outra proeza com *Les demoiselles de Rochefort.* Ambos são contos de fadas modernos, lindos, coloridíssimos.

Mas conto de fadas mesmo, não modernizado, é outro filme de Jacques Démy. Em *Pele de asno,* baseado em Charles Perrault, a protagonista passa o filme inteiro coberta pelo couro do burro, antes que o príncipe descubra o anel que ela deixou cair dentro de um bolo. O pai incestuoso, vivido por Jean Marais, no final chega para o casamento de helicóptero, versão atualizada do *deus exmachina* do teatro clássico. O anacronismo é uma piscadela para o espectador, semelhante ao tênis de grife que Sophia Coppola incluiu entre os calçados de época na sapateira de Maria Antonieta. Em ambos, trata-se de um recurso anti-ilusionista de estranhamento. Os três filmes de Jacques Démy foram servidos à perfeição pela maravilhosa música de Michel Legrand, a quem *Pele de asno* rendeu o Oscar de melhor trilha sonora.

Outro caso é uma reduzida série de filmes de Jean Cocteau, que não era um profissional do cinema, mas um artista cujos talentos iam da poesia às artes plásticas, célebre também no teatro e na prosa. Seus filmes são sobretudo poemas filmados. O mais renomado deles é *A bela e a fera,* de atmosfera mágica impecável, em que a fera quase morre de amor. Penetrado de surrealismo, multiplica os efeitos, pondo em cena, entre outros, candelabros constituídos por braços humanos que saem da parede a intervalos regulares, empunhando velas acesas.

E *Orfeu* émais surrealista ainda. No antigo mito grego, tão reproduzido em literatura, música, artes visuais, Orfeu, o maior poeta do mundo, que até os animais apaziguava com sua lira, perdeu a esposa e ficou inconsolável. Os deuses lhe facultaram ir aos infernos buscá-la, mas se olhasse para trás a perderia para sempre – e foi o que aconteceu. O Orfeu de Cocteau é um poeta dos dias de hoje, fascinado pela Princesa Morte, que o disputa à esposa Eurídice. Há mensageiros do Além que circulam de motocicleta, ou então travessiade espelhos que são passagens para os mundos ínferos. Todos são filmes *de arte*.

Já *Os amores de Astrée ET Céladon*, filme de Eric Rohmer, outro nome da *Nouvelle Vague*, aproveita uma novela de Honoré d`Urfé. Árcade e barroca, com pastoras e pastores que tocam lira, situada numa aldeia gaulesa do séc. V, não é uma novela de cavalaria transposta para a tela, mas sim o que pensavam os do séc. XVII que era uma novela de cavalaria típica da Idade Média. Uma história de amores contrariados ou realizados: uma beleza de fantasia e devaneio lírico, que transcreve falas do texto original.

Perrault era um bom compilador – não só porque redigia os relatos orais que ouvia, como consta, mas também porque compilava narrativas que já estavam escritas por outrem. E sobretudo por mulheres, posteriormente tornadas invisíveis e apagadas da História. Por exemplo, o mais famoso deles, *A bela e a fera,* já tinha sido redigido e publicado, sendo muito divulgado à época. Sua autora pertenceu a um grupo de mulheres que escreviam contos de fadas no séc. XVIII, na França. Também o conceito de "conto de fadas" foi criado por ela. Quem vem estudando e revelando essas e outras preciosidades, que pesquisa mundo afora, é Susana Ventura, autora de *A Bela e a Fera e outros contos de fadas de Madame Leprince de*

© 2025 A Terra é Redonda. Todos direitos reservados. ISSN 3085-7120.

Beaumont, que acaba de sair. Um belo livro, todo ilustrado e multicor. Muito conhecida, e com livros de sua autoria no gênero infanto-juvenil, Susana tem biblioteca com seu nome em Osaka, no Japão – raríssima homenagem a exigir muito respeito. Outro de seus livros, *Um lençol de infinitos fios,* tratando dos refugiados entre nós, vendeu 100 mil exemplares: ninguém pode dizer que falte interesse.

***Walnice Nogueira Galvão** *é Professora Emérita da FFLCH da USP. Autora, entre outros livros, de* Lendo e relendo *(Senac/Ouro sobre azul).*

A Terra é Redonda

© 2025 A Terra é Redonda. Todos direitos reservados. ISSN 3085-7120.